



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

28

Março - 1965

1722

Ano XXXIII - Sem VIII

(AVENÇADO)

Fixado pelo C. do Censuro

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Admin. M. BRAGA DIAS
Comp. e Imp. TIPOGRAFIA ESPINHENSE - Rua 14 - Telef. 920187



OUTRO ANO

DEFESA DE ESPINHO faz anos. Está em festa; simples acontecimento, e feliz ao mesmo tempo, porque um aniversário marca um passo além na vida do festejado. Venceu mais um ano, e a vida de um jornal é alguma coisa de transcendente.

Foram 33 anos de trabalho, de sacrificio e de uma cooperação viva, em que os diferentes órgãos realizaram cada um a sua função para garantia de sobrevivência ao corpo.

O jornalismo é uma missão elevada, qualquer que seja o tamanho da folha impressa, desde que se queira fazer trabalho de alguma importância para os leitores, para a nação e para a terra onde é feito, e circula.

E de enorme proveito, e pode ser nefasto; pugna, e é por vezes criticado quando não faz mais e melhor; tem de ser um sacerdócio para um fim, que se deseja alcançar dentro da espiritualidade. Houve um tempo em que a imprensa regional era tida como de pouca importância, porque toda a gente, ou na maior parte, punha as suas atenções nos jornais diários, pela variedade de noticiário e dos temas versados, aliciantes quase sempre, e fornecedores de bom passatempo.

Todavia, a pequena imprensa teve sempre o seu lugar próprio e as suas responsabilidades, focando assuntos de maior interesse

regional, chamando a atenção superior para a solução dos seus problemas, e tem servido de veículo às notícias mais importantes da terra para quem vive longe dela.

A pequena imprensa entra nas casas onde a modéstia de recursos não permite custear a despesa de um jornal diário, pondo assim as famílias em contacto com o mundo.

É nobre, portanto, a sua missão, e porque é nobre, o jornalista amador como são tantos, tem sobre si a enorme responsabilidade de se fazer elevado nos conceitos, e perfeito orientador, sem cair no que se torne fastidioso ou obscuro, causando a dúvida pela incom-

preensão.

Bem sabemos que é impossível agradar a toda a gente, mas ao menos que se diga que a versão dada às ideias postas em público representam sinceridade, e traduzem verdades. O jornalista, qualquer que seja a sua categoria, astro de primeira grandeza, ou simples manejador da pena deve ser austero em tudo quanto escrever, e de perfeito cumprimento no que revelam as suas afirmações, ainda que seja tomado à conta de menos realizador por quem não esteja perfeitamente orientado.

Hoje, escrever para o público é tarefa difícil, pela multiplicidade de doutrina

continua na 2.ª página

ANIVERSÁRIO DA "DEFESA"

por Ferreira da Rocha

Completa a «Defesa de Espinho» mais um ano de existência; uma vez mais Ela sobrevive ao tempo que passa. E, por isso mesmo, mais uma vez «Defesa de Espinho» está de parabens, assim como de parabens estão o seu ilustre e incansável Director, e todos quantos abnegadamente tem trabalhado, ou de qualquer modo contribuído para que possa continuar a sua missão jornalística.

Não nos parece missão fácil assim, esta de vencer todas as vicissitudes, lutar e pela luta porfiada resistir ao vendaval do tempo. Canseiras sem conta se nos afiguram indispensáveis para a batalha travada do interior para o exterior; para daquilo que se pensa poder arranjar o que convém — e saber inculcá-lo aos outros.

Esse constante burilar de frases e de ideias; o permanente arranjo das intenções, que embora justas e boas, nem sempre se apresentam vestidas cor de rosa; o diário trabalho no silêncio dos gabinetes para poder apresentar à luz da realidade o melhor, enfim, toda a tarefa que se encontra resumida e incumbe ao Jornalismo, é missão que nem todos poderão saber apreciar devidamente — porque trabalho é que em verdade quase se não vê!

Para que todas as semanas e num certo dia o Jornal possa levar a casa de cada um de nós as suas informações e tudo mais que um jornal pode fornecer-nos, é necessário um trabalho ordenado e consciente — e não pouco esforço; para que um semanário subsista é igualmente indispensável uma grande força de vontade e persistência da parte de quem estiver à frente do seu destino.

Todas as semanas há problemas; todos os dias aparecem os «impossíveis» — que urge transformar em «possíveis».

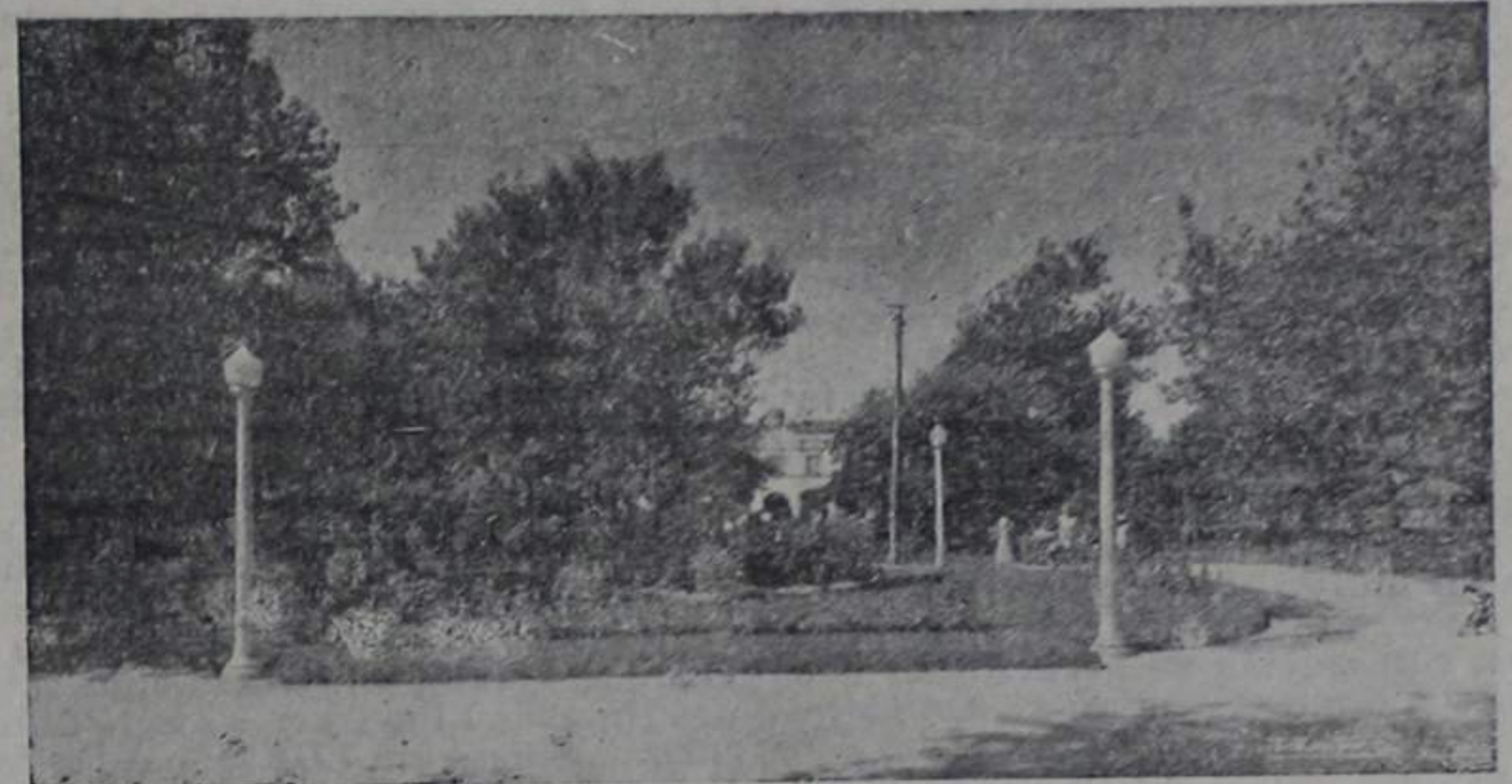
Fazer das tripas coração» é o termo que neste caso ajusta como testo em panela; trabalhar sem compensação de sacrificios nem mira de recompensas persuasivas, eis o que aqui fica bem e consegue chegar ao fim visionado.

Está de parabens a «Defesa de Espinho», está de parabens o seu Director e todos os que na sua obra tem colaborado de qualquer forma.

Resta-nos formular votos sinceros para que este facto se repita pelo tempo fora, para bem da sua Terra e honra de todos.

S. João da Madeira, 20 de Março de 1965.

FERREIRA DA ROCHA



Vista parcial do frondoso Parque João de Deus

Dos meus suspeitos parabens

por Manuel Laranjeira

Ah! os vaticínios errados que os homens fazem! Bem que todos os anos uns titeriteiros botam a boca no mundo a fazer previsões, algumas delas de fazer rir um morto. Qualquer feito, qualquer gesto, qualquer ousadia, pode contar com uma dúzia de gatos-pingados e rezar-lhe o «ora pro nobis» mesmo antes de realizados.

E como se erra, Deus do Céu! E ainda bem que tanto se erra!...

Não sou desse tempo, felizmente, embora seja de um tempo pior. Vamos porém deixar isso para lá que não vem ao caso. Mas gostaria de ver para contar. Quando este jornalzinho se fundou as comadres cá da terra decerto que deram no cavaco sobre o acontecimento. Embrá não fosse empreitada singular, já por cá tinham visto a luz de dia outros jornalinhos, sempre era um cometimento de dar brado. E como nestas coisas há sempre mais quem torça pelo fracasso que pelo êxito, ou o homem não fosse um bicho careta incompreensível como os diabos, não faltaram os Nostradamus caseiros a sorrir de comiserção e a sentenciar, como quem risca o dia do Juízo Final, o sol de pouca dura da alhaça em que o dono da ideia ia meter-se.

O pior é que a brincar a brincar é que o diabo fez aquela desfeita à mãe que todos nós sabemos. E ano em cima de ano a nossa «Defesa de Espinho» já fez uma bonita parede de tijolos. E mais. O homem que vai pondo os tijolos no montinho continua firme de mão e com a mesma disposição com que começou. Não digo que o entusiasmo seja o mesmo, que os anos e os dissabores carregem em elma dos ombros. Não digo que as horas que lhe são dedicadas sejam as mesmas do infleto da caminhada, que o «homenzinho» agora já não precisa dos mesmos paternos cuidados. Mas apesar dos pesares e dos palpites mais errados e mais fracassados o jornalzinho vingou e aí está firme na estacada, mesmo quando os temporais são maiores que nunca a ameaçar a paciência de quem o faz.

Usando um termo engraçadíssimo da glria carioca eu diria que a «Defesa de Espinho» foi a cachaca número um de Benjamim Dias. E como cachaca ficou para lavar e durar. Por ela acredito que muitas outras coisas de maior interesse pessoal ficaram para trás.

Só eu sei o que perdi e como perdi nos anos em que resolvi ser «apenas» jornalista para dar sangue, suor e lágrimas, a um jornalzinho que era também a minha cachaca.

Não tão bem como nós, como leitores, e queríamos e acredito como o seu responsável o desejaria também, mas de qualquer maneira a sentinela fiel das nossas coisas, a tribuna aberta dos nossos protestos ou dos nossos aplausos, o guardião crónico dos nossos acontecimentos intra-muros e portanto arquivo inestimável da nossa história, a «Defesa» tem cumprido a sua sina principal e a sua determinação inicial.

Mais amigo do que bom colaborador entendo a «Defesa» como um património de Espinho. E quando, como acontece nesta hora, tenho de falar dela nas suas próprias colunas, precepo-me muito mais em justificá-la pela forma como vive, de sacrificios sem conta, de dedicações que ninguém conhece, e como tem sobrevivido no meio e nas condições em que tem de viver, do que em perder o tempo e o

espaço com lugares comuns de «parabens p'ra você nesta data feliz» e de elogios tantas vezes hipócritas que não adiantam nada nem remediaram coisa nenhuma.

Poucos sabem que nestas coisas de jornalismo vale mais o que a nossa consciência diz cá por dentro do que todos os elogios do mundo.

Só, portanto, Benjamim Dias está à vontade para sentir esse exame íntimo e para traçar a sentença. Da nossa parte o que podemos dizer é que um jornal é uma força viva de uma terra. E força tanto maior quanto maior é o prestígio que as forças aglutinadas dessa terra lhe derem. Não é como tantos julgam, um negócio para ganhar dinheiro. Noventa por cento dos jornais regionais tem uma situação largamente deficitária compensada apenas pela bolsa generosa e abnegada dos seus proprietários que desejosos de manterem esses baluartes de regionalismo não hesitam em deltar mão de outros recursos que não os advindos da publicação dos jornais.

Quanto mais prestígio tiver um jornal, quanto maior ajuda se lhe der, quanto mais condições se lhe proporcionarem para que mantenha ferocemente a sua independência e melhora

continua na 2.ª página

Felicitações

que são uma Glorificação

por Hildebrando Vasconcelos

Estamos presente. Tinha de ser. — Faltar era uma deselegância, um esquecimento, uma indiferença.

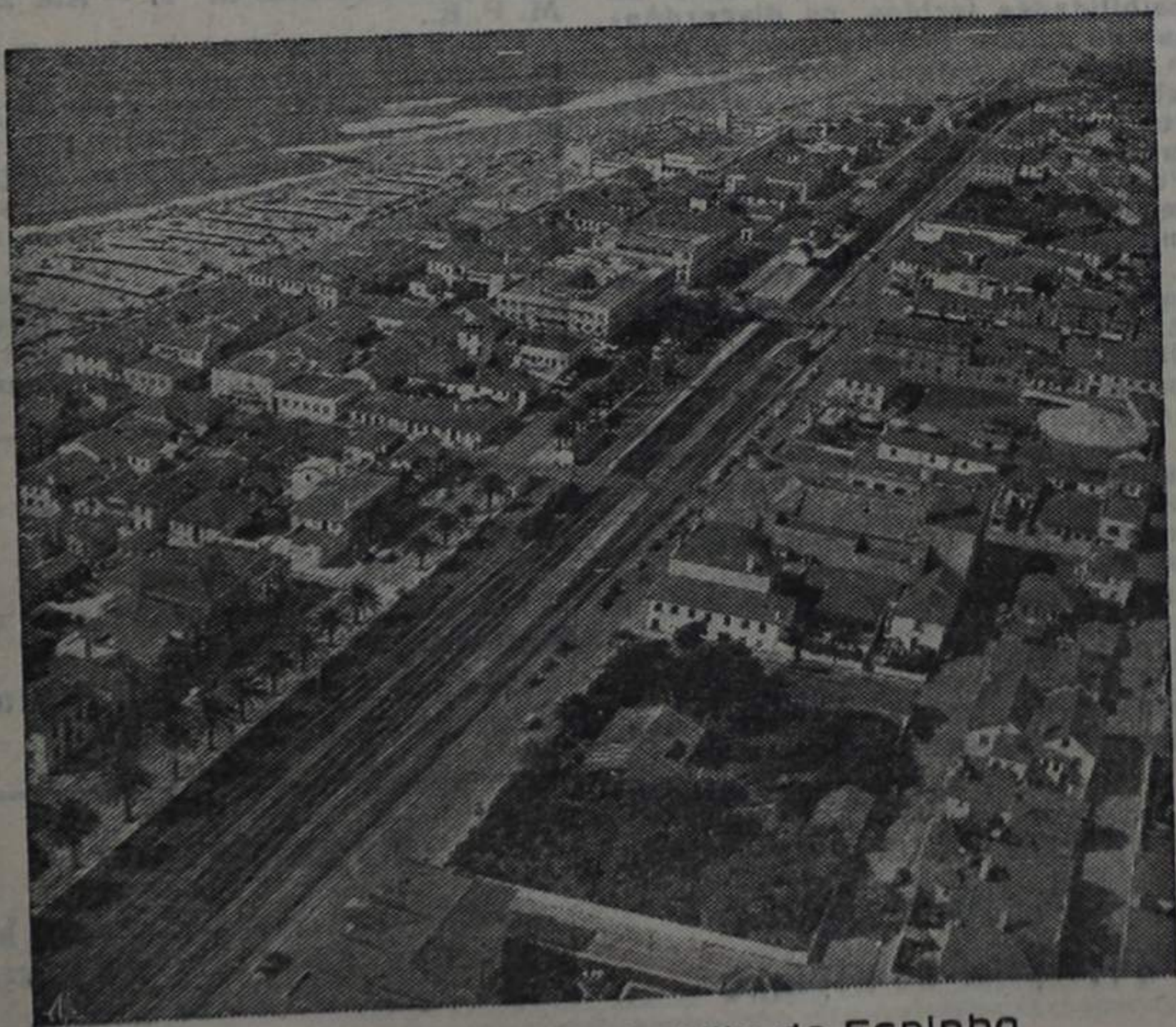
Vimos, cumprindo um dever: o de saudar a proba e recta Direcção do Jornal — saudação que merece, que se impõe — que a sua Obra é uma das melhores, mais francas e mais elevadas que têm sido levadas a cabo na imprensa regional portuguesa.

Saudar «Defesa de Espinho», neste dia de mais um aniversário seu — é bendizer, glorificar Espinho, de quem este baluarte tem sido o seu mais fidedigno e mais dedicado porta-voz.

Por ele não são olvidados os mais prementes anseios desta encantadora Vila-Praia de Espinho, debatidos os mais instantes problemas, muitos dos quais ao nosso querido órgão de imprensa se deve a sua resolução.

Com alto sacrificio se tem prosseguido na publicação ininterrupta de tão caríssimo representante da opinião pública, ouvindo-se e repercutindo-se a voz dos dirigentes supremos, atendendo-se à justiça que as-

continua na 2.ª página



Vista aérea parcial da Vila de Espinho

Defesa

Secção
de
Letras e
Artes

DIRECÇÃO DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS

N.º 26

Literária

Coordenação de FRANCISCO MANUEL DO COUTO

O Género Lírico

A Ópera, como género musical, teve a sua origem, como se sabe, na Itália, nos alvares do séc. XVII. Monteverdi, compositor veneziano, dotou a nova forma de alto nível estético, até que o napolitano Alexandre Scarlatti a transformou num espectáculo destinado a encantar, a divertir, com suas árias desvolvas, gorgoeantes. Tocava-se a vista e o ouvido mais que o intelecto e o coração.

Depois de Scarlatti, a ópera italiana continuou sendo um concerto de canto, onde sopranos e soprannistas alardeavam os primores das suas vozes e habilidades canoras. Os Farinelli e os Cafarelli tornaram-se os tiranos dos empresários e compositores, em razão do prestígio alcançado pela extraordinária beleza do seu canto e perfeito conhecimento da sua arte. Só lhes importavam papeis simpáticos, de galãs apaixonados, relegando para os temores os depreciados papeis de fidalgos, déspotas ou traidores. A sua entrada em cena queriam-na com farto e vistoso penacho, montando garbosos cavalos, revestidos de grande aparato. Recusavam-se a morrer no final da peça, e acautelavam-se de figurar em situações que não correspondessem à sua alta categoria. Na elaboração dos enredos, reservavam-se o direito de corrigir poetas e compositores. Da disciplina não curavam. Terminada a sua ária, ficavam em cena, negligentemente, mas-

pelo Eng.º Rebelo Bonito

tigando laranjas e bebericando vinhos caros, completamente indiferentes às réplicas que lhes davam e ao desenvolvimento da acção dramática.

Por semelhante à-vontade afinava o comportamento do resto da Companhia. Os actores e bailarinas, sempre que lhes apetecia, encostavam-se ao fundo do palco, ligeiramente vestidos, apreciando à vista do público, a actuação dos colegas.

Os coristas entravam por ordem das idades, em filas indiana, eles por um lado, elas pelo outro. Os homens chegavam e cruzavam os braços; as mulheres brincavam com os aventalinhos, sem curarem, uns e outros, de atentar no que se passava em redor, até ao momento da sua intervenção.

Os músicos, por seu turno, tocavam de luvas e afinavam seus instrumentos, com farto ruído, em qualquer altura da execução. Nisto, correspondiam eles à desatenção dos espectadores, que passavam o tempo a jogar cartas, a conversar, a comer, só se interrompendo para ouvir, estáticos e enlevados, algum daqueles sopranos ou soprannistas da sua predilecção.

Toda essa indisciplina, em cena e fora dela, terminou quando Gluck, inspirado pelo libretista Calsabige, decidiu restituir à ópera a dignidade perdida. O seu pensamento ficou exposto na *Carta-dedicatória* dirigida ao gran-duque da Toscana:

«Quando resolvi compor a ópera *Alceste* — confessou — decidi pôr cobro aos abusos que a vaidade tola dos cantores e a excessiva condescendência dos compositores haviam introduzido na ópera italiana, transformando o mais sumptuoso e o mais belo de todos os espectáculos numa série de impertinentes e ridículas demonstrações. Procurei investir a música na sua verdadeira função, pois deve ela secundar o texto poético, sublinhar os sentimentos e aumentar o interesse das situações dramáticas, sem que inúteis floreios melódicos venham pear o natural desenvolvimento da acção».

Procurou Gluck atingir «a simplicidade», sem emolumentos contrários à clareza, nem tentativas de inovação prejudiciais ao efeito expressivo. Assim, trinta anos após a «guerra dos bufões», viram-se renovados com Gluck os preceitos essenciais da estética de Lully, opostos aos conceitos da escola napolitana, sustentados por Piccini, o que deu lugar a renhida e pitoresca contenda entre *gluckistas e piccinistas*. E era sempre a cidade de Paris, considerada na época o centro espiritual do mundo, o teatro por excelência de tais prélis...

REBELO BONITO

NOTAS

CRÍTICAS

por FRANCISCO MANUEL DO COUTO

OS SEGREDOS DIPLOMÁTICOS

1939 - 1945

de Jacques Lournay

Publicado pela Livraria Berticud, apareceu o livro, «Os Segredos Diplomáticos», de Lournay. Livro de uma extrema lucidez é um repertório de precisas fontes, inconfidências e comprimidos que marginaram durante a Segunda Guerra Mundial.

Surgem aqui as mais espantosas revelações acerca dos planos de guerra de Hitler, dos esforços da igreja para abater o domínio do nazismo enfim todos aqueles segredos que fazem parte da guerra.

Esclarecendo alguns pontos ainda desconhecidos no público, este livro dá ao leitor um manancial de conhecimentos sobre a maior catástrofe dos últimos anos.

Livraria Bertrand—Lisboa

COMO CHEGAR A AGENTE SECRETO

de Remy

A Editorial Minerva na sua colecção Catavento (livro de bolso), publicou o livro «Como Chegar a Agente Secreto». Neste livro Remy conta as suas experiências de agente secreto da França livre a quando da última conflagração mundial. Considerado um dos mais extraordinários agentes secretos de todos os tempos mais valor vem dar a este seu depoimento. Com efeito, ao longo das páginas deste livro verifica-se a sua eficácia, a sua coragem, dignidade e acima de tudo o amor à sua pátria, considerando por isso, a sua missão como uma autêntica cruzada. Todos os segredos, mistérios e «trucs» de espionagem aqui se acham expostos para esclarecimento do leitor mais exigente.

Editora Minerva—Lisboa

COLECTÂNEA DE VERSOS PORTUGUESES DO SÉC. XII AO SÉC. XX

de João Cabral do Nascimento

Pela Editorial Minerva, foi publicado na colecção Catavento (livro de bolso), o livro «Colectânea de Versos Portugueses do Século XII ao Século XX», coligida por João Cabral do Nascimento. Na sua advertência ao leitor, Cabral do Nascimento diz que «é uma compilação de versos desde os prin-

cípios da poesia portuguesa até aos nossos dias, acessível e fácil de compulсар e de trazer na algibeira, para ter na praia, no campo, no escritório ou em viagem».

Trata-se no conjunto de versos líricos de autores conhecidos desde Pai Soares de Taveira, o nosso primeiro poeta até aos mais modernos.

João Cabral do Nascimento vem contribuir com este seu livrinho, para a divulgação de poesia portuguesa de todos os tempos.

Editorial Minerva—Lisboa

A FORMIGA VELHA

de Maria Cardinal

A Bertrand publicou em «Autores Universais», o romance «A Formiga Velha», de Maria Cardinal. A Formiga Velha não é mais que uma velha penhora, dura e austera, que vivendo num «monte» da Provença, dirige com saber de mestre uma quinta que seus pais tinham arrendado a um grande senhor. E' ela, que recordando alguns passos, do seu passado longínquo, nos conta os seus amores e paixões antigas pelo Engenheiro Pierre, que um dia a pretextou de uma viagem, a abandona para nunca mais voltar. A velha senhora, tratada pelos conhecidos ainda por Menina Conturier espera em vão por aquele a quem numa noite morna de verão se entregara completamente. Mas os dias, os meses e os anos passaram uns atrás dos outros, sem que ela soubesse mais do seu paradeiro. Em vez de lhe ter guardado rancor e ódio, Conturier recorda sempre o seu amor com uma ternura inigualável e perpétua que lhe dá forças para vencer as agruras da velhice que a vai proctando para uma cadeira de encosto. Romance ao mesmo tempo terno e dramático, é um hino de amor de uma verdadeira mulhbr, de uma daquelas mulheres que vivem para serem protagonistas dos mais insólitos e imortais romances da vida. tração é de Maria do Carmo Oliveira.

Livraria Bertrand—Lisboa

PODEM CHAMAR-ME EURIDICE

de Orlando da Costa

Depois de ter publicado em 1961 o seu primeiro romance com o título

Continua na página seguinte

Arqueologia, História...



Vienes, mirada nueva

*Vienes, mirada nueva,
criatura descendida del pasado,
nombre claro de altísimo recuerdo
al día ya agotada entre mi párpados,
a mi vida resuelta,
a mi palabra acostumbrada
envejedecia ya sobre la tierra.*

*Vienes llevando un año,
un antiguo vigor de luz, distancias
y e gritos ondulantes
impressions intactas.*

*Vienes trayendo el aire,
enarbolando una mira da libre
desde nubes y árboles.*

*Vienes a mi quietud,
a este cercano olvido
en la lejana pausa de mi sangre:
ciatura descendida del pasado.*

Alberto Luiz Ponzo (argentino)

Do livro «Rosto de Séculos», da
Panorâmica Poética
Luso-Hispânica

PRINCIPIAMOS neste número, a apresentar aos nossos leitores, a excelente e valiosa monografia do Castelo da Feira, estudo histórico do escritor, político e investigador feirense, dr. Vaz Ferreira, falecido em 14 de Março de 1961. Este estudo publicado no «Arquivo do Distrito de Aveiro» (n.º 16—Dezembro, 1938), constitui a mais valiosa elucidativa monografia do mais completo e antigo castelo de Portugal. Ao inserirmos em «Defesa Literária», tão importante estudo, queremos prestar homenagem a tão insigne investigador, lídino defensor dos melhoramentos do castelo que durante longos anos estivera esquecido e quase completamente caído em ruínas.

O Dr. Henrique Vaz de Andrade Bastos Ferreira, nasceu na Vila da Feira a 18 de Janeiro de 1868. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, cedo subiu à tribuna forense e política, tendo sido deputado e governador civil de Aveiro. Colaborando em vários jornais, tendo sido ele próprio fundador da «Gazeta Forense» defendeu nos seus números os artigos a facção política do seu gosto e revelou em artigos de investigação histórica, alguns factos e acontecimentos da história local referente ao Condado da Feira e do seu Castelo.

Escreveu ainda numerosos livros de Direito: «Comentário à Lei do Divórcio», «Os Senhores de Marnel», «Solteiros», «Casados», «Os Sem Estado», «A Viúva», «Os Divorciados», «Celibatários», «Fiscalização e Revisão do Processo Forense» etc. etc..

O Castelo da Feira

O Castelo da Feira é a acrópole sagrada, o lugar eleito das peregrinações patrióticas.

Dr. Oliveira Salazar

Ao poente da Vila da Feira, mesmo em face da parte da rua que desce do edifício municipal para a ponte, para

o começo da estrada que vai à estação, e para o escadório da igreja matriz, eleva-se no alto dum cabeço o perfil típico e imponente do vetusto monumento.

Publicou este Arquivo, no seu volume 1.º, a página 140, a vista geral do Castelo da Feira em todo o seu comprimento voltado ao poente.

É por esse lado a entrada para a barbacã composta de dois paredões ameados com os seus adarves e um

pequeno cubelo no ângulo e outro ao ligar com a alta muralha. Encima a porta da barbacã um escudo de granito em alto relêvo, com a cruz floreada e aberta no campo das armas dos Pereiras e o coronel de conde, e que foi colocado num vão rectangular, muito maior, onde esteve uma pedra de calcário com as mesmas armas em baixo relêvo, mas sobpostas a um elmo. Na base desta pedra lê-se.

O QVARTO CÔDE DA FR.º D'Ó DI.º FROIAZ P.º MADOV FA ZER ESTA E O RELOGIO DA QVELA TORE NA ERA DE 1567

Ao nível do pátio de entrada teem os paredões quatro reentrâncias abobadas em arco de círculo, servindo besteiros cruciformes com troneiras redondas.

Com a face alinhando pelo pano do paredão da entrada e à esquerda de quem a transpõe, ergue-se um cubelo quadrado, no sopê do qual abre a porta da vila, em ogiva e dando acesso à ingreme poterna curva que sobe elevada abobada em tijolo.

Galgada essa subida que torce à direita, depara-se-nos a vasta esplanada ou praça de armas e, em frente, a altíssima torre de menagem, quadrangular e guarnecida por quatro torreões que se lhe encostam, sobem mais alto que o eirado e são cobertos por corucheus cónicos de tijolo, tendo em roda nas quatro esquinas outros pequenos cones semelhantes. Esses vinte bicos rematados todos por flores de granito dão ao perfil do Castelo da Feira um aspecto característico e pitoresco.

A entrada da torre é de arco redondo no estilo romano e as suas pedras denotam grande velhice.

Perto está uma fonte com o tanque ao rez do terreno e um espaldar que foi revestido a azuleja e é sobreposto por um escudo em granito das armas dos Pereiras com o seu coronel de conde, muito parecido com o da por-

Continua na página seguinte

Manuel de Oliveira

O grande solitário do cinema nacional

Um olhar rápido pela história do nosso cinema leva-nos à conclusão evidente de que uma figura, através dos anos, o vem afirmando e esclarecendo. Não poupando esforços, procurando e tentando sempre, essa figura vem mostrando que o cinema português existe e que, encarada com seriedade, será uma realidade insofismável.

MANUEL DE OLIVEIRA impôs-se graças ao seu carácter íntegro de cineasta, à sua probidade artística e à sua dedicação amorosa em prol dum melhor cinema português.

Enamorado da arte das imagens, desde muito cedo, procurou exprimir-se. Tinha apenas 21 anos quando começou a rodagem do seu primeiro filme — DOURO, FAINA FLUVIAL — obra notável para a época e que deixa já antever, claramente, um conjunto de potencialidades artísticas, raras num principiante. Em 1942, depois de três documentários, dá-nos essa jóia de arte e poesia que se chama — ANIKI-BÓBÓ.

Este filme que é já um clássico da cinematografia portuguesa, obteve, competindo com modernas fitas estrangeiras, um diploma de honra, no II Festival da Juventude em Cannes. Este prémio, atribuído em 1961, veio atestar a grandeza e a perenidade de tão invulgar obra.

Depois de 14 anos de inatividade, inatividade essa nem sempre voluntária, Manuel de Oliveira regressa ao cinema, em 1956, com o PINTOR E A CIDADE. Este ensaio cinematográfico a cores foi apresentado em diversos festivais onde conheceu assinalado êxito e alguns prémios. Seguem-se-lhe dois documentários: O PÃO e A CAÇA, que são outras tantas afirmações da riqueza poética e artística do autor.

ACTO DA PRIMAVERA, estreado em Paris e depois em Lisboa em Outubro de 1963, é um filme verdadeiramente novo no panorama da nossa cinematografia. Filme de profundo e finíssimo sentido religioso, sugere-nos com rara violência o drama da condição humana e mostra-nos que, verdadeiramente, o humano sem o divino não se completa.

Nesta ocasião, uma série de actos em todo o País, consagra, numa justa e imperiosa homenagem, a obra e o artista que o Porto a 12 de Dezembro de 1908 viu nascer.

Em todas as obras, Manuel de Oliveira revela-se uma forte personalidade artística e um profundo conhecedor da arte das imagens. Sempro igual a si próprio, muito pessoal, a simples, real e poética. Os seus filmes são documentos tirados do real da vida portuguesa e dão-nos motivo a pensar e a reflectir. Ninguém, como ele, penetrou tão bem na realidade e na alma portuguesas!

As suas imagens perpassam com subtilidade a alma dos pescadores do Douro, dos ceifeiros alentejanos, dos miúdos da Ribeira, da gente anónima do Porto e dos rústicos da Curalha. O Homem, a Natureza e a Vida estão presentes na sua obra numa espontaneidade e naturalidade verdadeiramente eloquentes!

Manuel de Oliveira, desde sempre, revelou uma verdadeira consciência de cinema e só a essa consciência procurou servir. A sua expressão através das imagens é única — é dele. Sempre se mostrou superior a soluções fáceis e a interesses comerciais mesquinhos e jamais

por JOAQUIM COUTO R. DA SILVA

quis afectar a sua arte e a sua técnica.

No conjunto da sua obra, há uma coerência de pensamento. Nela, nota-se uma temática válida e um objectivo constante. É, numa elevação de temática, capaz de interessar o público e de o obrigar a sentir e, paralelamente, numa elevação de meios de expressão, que reside, quanto a nós, a solução ideal para um melhor e digno cinema português.

Há, ainda, em Manuel de Oliveira, um amor ao cinema que faz dele uma personalidade emi-

nentemente cinematográfica e um amador, no mais puro sentido da palavra.

Trabalhando no silêncio, longe do bulício dos estúdios, é de lamentar que por vezes se tenha a impressão de que tal homem está sózinho no seu esforço de engradecimento do nosso cinema.

Nesta hora em que o cinema português está a conhecer outras facetas pela acção dos «novos», Manuel de Oliveira é bem um exemplo vivo para todos aqueles que querem elevar o cinema nacional e fazer um passado tenebroso.

Joaquim Couto R. Silva

NOTAS CRÍTICAS

Continuação da página anterior

«O Signo da Ira», bem acolhido pela crítica e que viria a ser galardoado com o Prémio Ricardo Malheiros, Orlando da Costa voltou novamente ao convívio do público para lhe oferecer um novo e insólito romance intitulado «Podem Chamar-me Eurídice», publicado pela Editora Arcádia. «Podem Chamar-me Eurídice», é uma história de amor uma trágica paixão amorosa que tem como protagonista uma jovem universitária de nome Cândida, que numa noite chuvosa se acolhe ao quarto de um seu colega e aí lhe conta a sua vida passada, vida intensa de amor e de paixão por Victor que o destino o fez separar dela. Toda a acção do romance se desenrola durante esse encontro patético e dramático em que os diálogos se entrecrocaram no presente doloroso e na recordação de um passado que lhe deixou bem marcada a sua alma.

São nestes diálogos vivos e amargos que se vê claramente a força criadora e a capacidade romanesca do autor. Com efeito, Orlando da Costa consegue-nos dar numa fracção de tempo, momentos diferentes de sequência que leva o leitor a uma intensa vibratidade e mesmo «suspense». Com este segundo romance, Orlando da Costa vem confirmar o seu lugar nos melhores romancistas modernos da nossa literatura.

Editora Arcádia — Lisboa

MAIGRET
de Livenon

Depois da publicação da série «Sherlock Holmes», a Bertrand começou a publicar a série policial «Maigret» de Livenon. Os dois primeiros volumes são: «Maigret e as testemunhas recalcitrantes».

O célebre inspector Maigret, mostra ao longo das páginas destas novelas a sua perspicácia, o seu raciocínio dedutivos, conduzindo os seus ajudantes sem delongas ao local do crime e do criminoso. Esta nova série de literatura policial irá com certeza despertar o interesse dos habituais leitores deste género literário.

Livraria Bertrand

A ALDEIA
de William Faulkner

Na colecção «Encontro», a Editora Arcádia publicou o primeiro volume de uma trilogia, intitulada «A Aldeia», do consagrado escritor norte-americano William Faulkner, um dos galardoados do Prémio Nobel. Um dos escritores mais sérios do nosso tempo, William Faulkner, descendendo de uma velha família do Sul arruinada pela guerra civil, faz transplantar para os seus romances, a nostalgia do passado glorioso da aristocracia sulista, evocando os grandes feitos de guerra e a vida elegante da sociedade das grandes famílias. Assim «Aldeia», é a história de uma dessas famílias, a família Snopes desde a sua chegada à terra, a sua conquista, as suas lutas pela hegemonia das mesmas lutas gigantescas e dramáticas com a terra, o clima e os próprios homens, ávidos também do seu rincão. William Faulkner é o historiador das terras e das gentes do sul da América do Norte fazendo reviver as grandiosas festas em que sente o perfume estonteante das jovens aristocratas, o fausto e o esplendor de inúmeras riquezas.

A tradução de Jorge Sampaio é excelente.

Editora Arcádia — Lisboa

Arqueologia, História...

continuação da página anterior

da da barbacã e com outro que encimava a entrada do paço dos condes. Alguém chamou manuelina a esta fonte e o dislate tem sido muito repetido. Tudo leva a crer que seja do século XVII e os azulejos dela eram iguais aos da capela mór do templo de S. Nicolau feita a expensas de D. Joana de Castro, neta do 4.º conde D. Diogo, por meados desse século.

Os quatro torreões ligam-se a torre de maneira diversa. O da esquerda, ao nordeste, faz saliência na frontaria a alguma distância da esquina e contém na sua espessura a escada de caracol de 34 degraus que sobe do andar nobre para o eirado, seguindo em mais 8 até ao mirante desse torreão. O da direita, ao noroeste, salienta-se também da fachada, mas no extremo desta segue a linha da parede do poente, e contém, quatro degraus acima do andar nobre, um grande forno com ampla recâmara. Os outros dois torreões saem fóra de ambas as pare-

des a que encostam e são maciços até ao nível do eirado.

A meio da parede sul da torre apuseram, só até à altura desta, um gigante que parece um quinto torreão. Foi feito por terem quebrado todas as pedras que formavam padieira ao vão dum postigo sobre que assentava uma das nervuras da abóbada que existe no interior da torre e é toda construída de granito, em ógiva, correndo de nascente a poente e com quatro nervuras de arestas cortadas, nascendo em mísulas ponteagudas.

Vêm-se os buracos e cachorros das traves dos pavimentos, um dos quais — o andar nobre — assentava ao norte sobre sapata formada pela maior grossura da parede. Há vestígios duma sobreloja para servir seteiras.

Sobe do pavimento térreo para o andar nobre uma escada direita de 18 degraus cavada na parede ao leste, perto do postigo ou porta lateral da torre. Dentro e em frente desta há

outra porta a isolar o pavimento térreo. Ambas são em ógiva aguda, mas a do fundo dos degraus é lanciolada e a do alto dêles de verga recta. Todas as ombreiras têm os ângulos chanfrados. Por cima desta escada há um nicho, altar, oratório ou armário, com degraus e guarnecido por delgadas colunas de granito com capiteis lavrados em calcário branco e mole. Perto deste nicho abre uma portinha a dar acesso a outra escada, mas de caracol, com 23 degraus e que sobe do andar nobre ao superior.

Há no andar nobre tres chaminés, ao norte, ao poente e ao sul, e quatro janelas, duas ao cimo da escada abertas ao norte e ao leste, outra ao leste perto do outro canto e uma ao sul. O pavimento superior tinha duas janelas, ao leste e ao poente e uma chaminé ao leste. Todas as chaminés têm as lareiras cavadas na parede e vão abrir no eirado rodeadas de parapeitos de palmo.

M
E
N
D
I
G
O

(1.º prémio dos Jogos Florais da CUF)

Quando menino fui no lar antigo
Onde reinava a paz e havia lei,
Quanta vez, dos que então eram comigo,
Viver longe — e bem longe! — desejei!

Não ter ninguém que fosse meu amigo,
Do velho Reino ser só eu o Rei...
— Tanto à Vida o pedi que, por castigo,
Na vida — Santo Deus! — tão só fiquei!

Todos os meus irmãos são doutras casas;
Foram com eles, da lareira, as brazas
— Só comigo ficou a cinza morta!

Hoje, sou eu quem os procura em ansia
— Eu, o mendigo que sonhou Distância,
A mendigar amor de porta em porta!

Eugénio de Paiva Freixo

Ribeira & Neves, L. da

Rua 23 n.º 252 (junto aos C. T. T.)

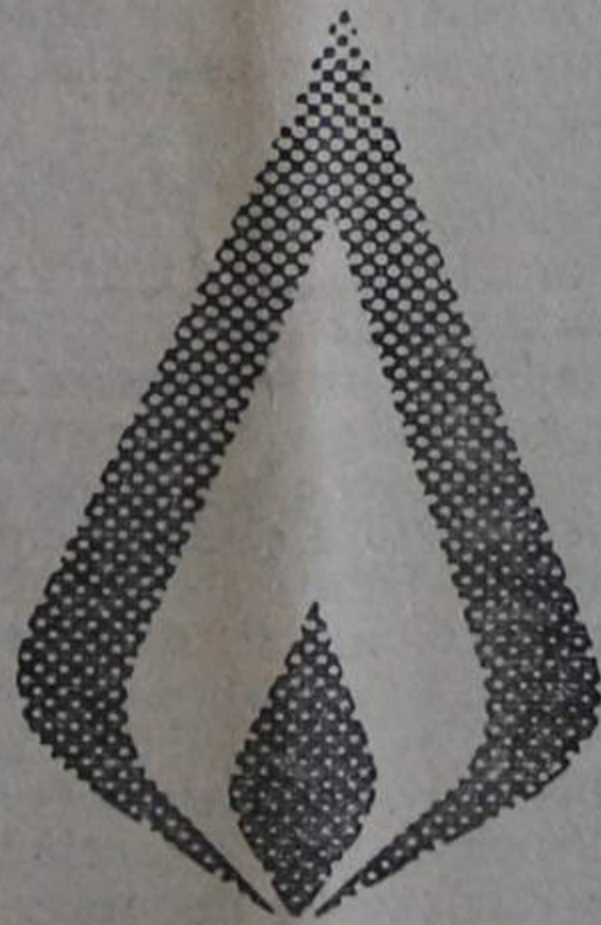
Telefone 92 08 06

ESPINHO

Fogões e Material
Electro-doméstico

Agente exclusivo do

GAZCIDLA



Gazcidla, uma chama viva onde quer que viva!

Paula & C.a, L.da

Materiais de Edificação e Drogaria

Representantes: Fibrocimento Cimentado, Aparite madeira aglomerada, Cerâmica de Quintãs, Cal Hidráulica Mondego, Revendedores: Oliva, Campos Filhos, Valadares, Painéis de Azulejos — Esmaltes

Mercadorias Agrícolas

Rua 19 n.º 450 a 456

Telef. 920138

ESPINHO

Horto de Espinho**Carlos Pereira Belo**

Nesta antiga e acreditada casa confeccionam-se lindos ramos de flores para noivas, corôas, palmas e todos os trabalhos neste género, tanto em flores naturais como artificiais. Vendem-se sementes de flores e hortaliças

Rua 19 n.º 270

Telefone 920182

ESPINHO

Carvalho & Gastalho, L.da

Armazém de Papelaria

Artigos de escritório

Fábrica de sobrescritos

PORTO

Telefs. 35218 - 25001 - 25002

END. TELEG. «CLEVER»

89, Rua das Flores, 93

LISBOA

R. Damasceno Monteiro 104 - D.

Telef. 834789

MERCEARIA FINA

DE

Conservas, Vinhos, Águas Minerais, Azeites e Gorduras

Augusto dos Santos PaulaESQUINA DAS RUAS 16 E 29
(Em frente ao Mercado)

ESPINHO

CASA MAR E SOL

DE

Maria Celeste Marques Barbosa

Confeções — Modas — E tudo para bebés

Rua 19 N.º 259

ESPINHO

Telefone 920289

Ourivesaria e Relojoaria**PINHO**

Rua 14-689 Telef. 920443

ESPINHO

Casa Gentil

(Junto ao Mercado)

Lanifícios-Camlearia-Sedas - Atoalhos

SEMPRE NOVIDADES

Ruas 23 e 16 - Telef. 920386

BELAMEIA

Grande sortido em malhas, camisaria, gravataria e Miudezas

A. Manuel Simões

Rua 8 n.º 685

ESPINHO

Telef. 920851

CASA ANGÉLICA

Mais de 50 anos ao serviço dos seus Estimados Clientes e Amigos

Camisas TV — RL e KARL
Gravatas ATCA, DAX e AJAX

Rua 19 n.º 209 — ESPINHO

Ligerie CARON, LONG LIF e TANIA — Souteens PETER PAN
Agente exclusivo dos SOUTEENS MAIDENFORM, os melhores do mundo
Botões de Alta Fantasia — Malhas — Modas e miudeza fina
Agente da Tinturaria e Lavandaria SUL-AMERICANAInformações da Agência
Geral do Ultramar**O SIGNIFICADO INSOFISMÁVEL DUMA ATITUDE**

É comum afirmar-se que o êxito duma política pode avaliar-se pelos resultados obtidos. Em relação aos caminhos trilhados pela administração portuguesa nos seus territórios africanos, a asserção não é inteiramente válida, porquanto o que importa não é tanto a eficiência dos métodos como a dignidade dos objectivos.

Contudo, não podem, à luz seja de que princípio for, minimizar-se os resultados positivos—que, indutável e inegavelmente, constituem êxitos—alcançados na luta que nos odrigaram a travar em defesa em defesa da integridade do território nacional e dos legítimos direitos dos cidadãos portugueses, situem-se eles em qualquer ponto desse território ou pertençam a qualquer das etnias que compõem a Nação.

Não deve ser indiferente para quantos, movidos por mera curiosidade ou agulhoados por inconfessáveis interesses, se debruçam sobre os acontecimentos da Guiné Portuguesa, a atitude assumida pelas populações nativas em face dos ataques de que são vítimas as suas tabancas, por parte dos bandoleiros provenientes do exterior. Sob a orientação dos seus chefes tradicionais, os povos da Guiné têm dado ao Mundo uma resposta de insofismável significado a quantas dúvidas possa haver, geradas por uma propaganda tendenciosa e mal intencionada.

Sem outras armas que não sejam as que ancestralmente lhes foram legadas para a caça ou as que—e estas principalmente—são constituídas pela consciência nacional, e o desejo de não abdicarem da sua cidadania portuguesa as populações da Guiné, têm, sistematicamente, repellido os assaltos quer físicos quer psicológicos de que têm sido vítimas.

E porquê este resultado? Porque os nossos objectivos se situam na linha de um direito imprescritível, como é o de preservarmos o que é bem

ALGODÕES E LÃS

CONFEÇÕES — MALHAS

CASA ORLANDO**Orlando Rangel**

TECIDOS PARA SENHORA

ÚLTIMAS NOVIDADES

Rua 19 n.º 216

Telef. 920790

ESPINHO

Fábrica de Tapeçarias «SANTA CRUZ»**Irmãos Pinto Loureiro, L.da**O mais completo e fino sortido em tapeçarias
ESPECIALIDADE EM ALCATIFAS

Telef. 920708

Telegramas SANTA CRUZ

Apartado 65

SILVALDE

ESPINHO

Garagem Centralde a Mecânica
de Espinho**Joaquim Pereira de Sousa**

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

Agente dos Pneus e Câmaras d'ar MABOR-GOODYAR-IRESTONE
SEIBERLING e acessórios, dos Oleos e Gasolinas Gasolao-VACCUM

Rua 62 (Antiga Rua do Passeio Alegre)

ESPINHO

Telef. 920302

TRIUNFO
MARCA REGISTRADA**Fábrica de Tapeçarias «TRIUNFO»****Fernando Pereira**
(PASSOS)

Carpets, Passadeiras e Tapetes

Especialidade nos artigos das marcas

TRIUNFO, JACARÉ DOMINAL e GALGO

Telef. 920778

Teleg.: TRIUNFO

SILVALDE - ESPINHO

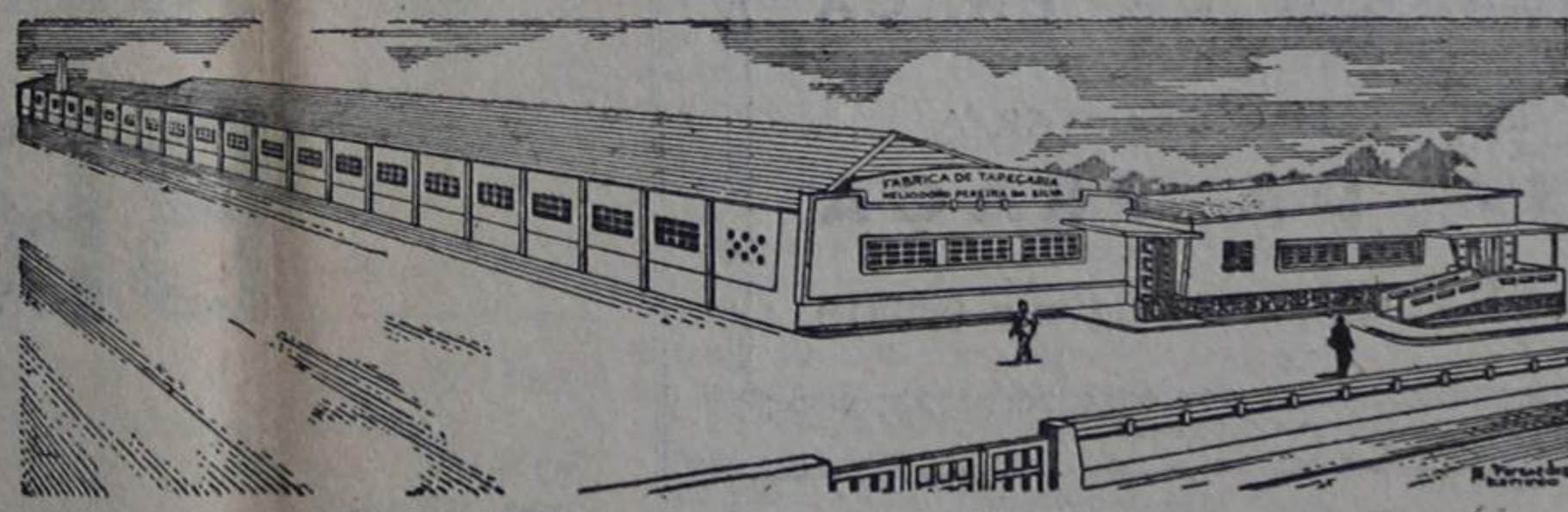
nosso, sejam quais forem os esforços e os receios ou a vontade que anima os intuitos de esbulho dos que nos forcem a uma defesa sem desfalecimentos e a uma vigilância sem soluções de continuidade.

E a determinante da portuquesíssima atitude das gentes Guiné, é a consciência de tudo quanto representa, e que, ao longo de séculos duma coexistência alicerçada em fundos caboucos, tanto espirituais e morais como legais, souberam criar em todos os povos que

compõem a Nação Portuguesa.

Embora a muitos possa causar espanto, para nós é o resultado natural da nossa política de unidade nacional, cujo denominador é, desde há séculos, o critério integrador.

E resulta, então, aos olhos daqueles que os fecham para serem os piores cegos, que não nos limitamos a ter uma doutrina. Temos, igualmente, um processo que a serve eficazmente e a torna invulnerável às arremetidas dos nossos inimigos.

Fábrica de TapeçariaTapetes
Carpets
Capachos
Passadeiras**Heliodoro Pereira da Silva**

Teleg.: HELIODORO - Telef. - 929010 - Apartado, 49 - Silvalde - ESPINHO

Sociedade Construtora Ideal de Espinho, L.da

INSCRITA NO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

DISTRIBUIDORES

«LUSALITE» Espinho e Vila da Feira — Tintas «S. JOÃO» e «ROBBIALAC» — Madeira prensada «TABOPAN» — Cimentarte-tanques, bancas, etc. — Electro-Cerâmica de Barrô, Agueda — Portas «BOM-SUCESSO», Aveiro — Estores «SOMBRELA» — Banheiras J. Minchn & Mário Navega — Autoelismos «CANOPE» — Chapas Translúcidas de Fibra de Vidro «VIFIBRAS»

REVENDEDORESFábrica «OLIVA» — Fábricas «CARVALHIDO», Valadares
Jerónimo Pereira Campos, Fios, etc.Edificações - Reparações - Materiais de
Construção por junto e a retalho

Angulo das Ruas 18 e 21 - Telef. 920642 - Apartado 53 - ESPINHO

Faça as suas Festas mais Felizes com Presentes da

CASA ROMEU

Oculista **VITÓ**
(Há 23 anos ao serviço da óptica)

Depositário Oficial das Afamadas Lentes
BAUCH & LOMB — BAY BAK

Rua 19

Telef. 920124

ESPINHO

Eléctrica de Espinho

Domingos Ferreira Dias e Raul da Silva Cleto

Rua 16 n.º 665 a 671

Telefone 920407

ESPINHO

SOLA DE CABEDAIS

Oficina de consertos em calçado

Manuel Teixeira da Silva

Rua 18 n.ºs 789 a 793

Telef. 920249

ESPINHO

OSCAR

TECIDOS — MODAS

CONFECÇÕES

Rodrigues & Sá, L.^{da}

Largo da Graciosa, 29

ESPINHO

Telef. 920768

Drogaria "BAPTISTA"

PRODUTOS DE BELEZA DO DR. N. G. PAYOS

PERFUMARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Eduardo Reis Baptista

Visite as suas novas instalações na

Rua 23 n.º 240 — Telefone, 920467 — ESPINHO

Para compra venda de Ouro, Prata, Joias e Relógios não deixe de consultar a **OURIVESARIA DA PRAÇA**

Oficina de consertos de Ouro e Relógios

NÃO COMPRE NEM VENDA SEM CONSULTAR A

OURIVESARIA DA PRAÇA

Ruas 18 e 23

ESPINHO

Telefone 920310

Peixaria CENTRAL

Rua 23 — Telefone, 920146 — ESPINHO

Vieira Azevedo & C.º

ARMAZÉM DE PAPELARIA, OBJECTOS DE ESCRITÓRIO
E ARTIGOS ESCOLARES

REPRESENTANTE DAS AFAMADAS
AGUARELAS LÍQUIDAS
«PLATIGNUM»

Rua da Picaria n. 56 a 58 - Telef. 25222

PORTO

Clube das Estrelas

Espectáculos

Secção do Clube das Estrelas

Divulgando o Espectáculo
Português

Vamos ler o n.º 1 da revista Espectáculo. Entre vários assuntos de muito interesse podemos destacar as sensacionais declarações da artista Maria de Lurdes Resende, acerca da sua actividade artística; "64 Foi Éxito lá Fóra"; "O Maestro António Melo fala"; "Zézinha Pereira—Propaganda sem orçamento"; e, ainda toda a verdade sobre o romance de amor entre Madalena Iglésias e António Calvário. Espectáculo é uma revista de divulgação do espectáculo português editada pelo Clube das Estrelas.

Cine-Jornal

A firma produtora do quinzenário de actualidades portuguesas, "Cine-Jornal", está interessada na colaboração de Apio Garcia. Entretanto, aquele produtor radiofónico, está a preparar o filme integrado na Secção Turística do município lisboeta, "A Voz do Mármore e do Granito".

Lisboa-Luanda em fita magnética

Em Angola, "Produções C.R." estão a apresentar na Emissora Católica uma rubrica gravada em Lisboa pela locutora-correspondente Maria Odette Lourenço. O programa, que é transmitido diariamente das 23 à 1 hora, chama-se "Encontro com a noite".

Lisboa Antiga

Tem a assinatura dos conhecidos autores teatrais José Galhardo, Fernando Santos e Carlos Lopes, o argumento do próximo filme da "Cinedex", "Lisboa Antiga". Esta película que insere a biografia do famoso compositor Raul Portela terá como protagonista o actor Emilio Correia.

A Severa volta ao Teatro

Parece que "A Severa" volta ao palco do Teatro Monumental. Desta vez, porém será o cavaleiro tauromáquio Mestre Batista quem se encarregará do papel de "Marialva".

ALBERTO

Rua 23 n.º 215 — Telef. 920287 — ESPINHO

Calçado para homem, senhora e criança — Grande sortido em carteiras, porta moedas, bolsas de senhora, malas e artigos de viagem
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

Alfaiataria Soares

José Tomaz Alves Soares

Rua 33 — Sales — Espinho

EXECUTAM-SE COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

AUTO-MECÂNICA MARTINS

José Nunes Martins

AVENIDA 24

TELEFONE, 920237

ESPINHO

ESTAÇÃO SERVIÇO SONAP
GASOLINA E ÓLEOS
PNEUS M A B O R
AUTOMÓVEIS OPEL — VAUXHALL
CAMIÕES BEDFORD
AUTOMÓVEIS USADOS

MERCEARIA SANTOS

Estabelecimento de mercearia fina e grossa. Especialidade em chás, café e chocolate. Grande sortido de conservas. Espumantes das Caves Império. Fabrico especial de Bolo Rei

Albino Oliveira dos Santos

Rua 22-513—Telef. 920349 (Defronte dos Paços de Concelho)

ESPINHO

FERNANDO CARNEIRO

Máquinas e moldes para a indústria de plásticos

Rua 16

ESPINHO

Telef. 920299

SOPAS CONCENTRADAS

BRANDÃO

Ao Paladar Português

OUTRAS CONSERVAS

Brandão & C.ª, Lda.

Matosinhos

Armazém de Lanifícios

Lanifícios

Algodões

Chales

Cobertores

Malhas

ALFREDO MIGUEL

Rua 20 n.º 451

Telefone 920180

ESPINHO

CORRESPONDÊNCIAS

Esmoriz

A Indústria de Tanoaria do Norte, o Decreto Lei N.º 42808 de 16 de Janeiro de 1960 e o Comércio Exportador de Vinhos

No dia 12 do corrente reuniram na sua Sede, pelas 15.30 horas, em Assembleia Geral Ordinária e em segunda Convocação, os Acreditados no G.º dos Industriais de Tanoaria do Norte sob a Presidência do Presidente efectivo sr. Manuel Gonçalves Morais, que se fez secretariar pelo 1.º Secretário efectivo sr. Alfredo de Sá e na falta do sr. 2.º Secretário pelo sr. Joaquim de Oliveira e Silva representante legal da firma Valente, Pereira & Oliveira, L.da de Esmoriz.

Da ordem de Dia constavam os seguintes números:

1.º — Discutir e votar o Relatório e Contas da Direcção referentes à G.ªreia do ano findo.

2.º — Tratar de outros assuntos de interesse para a classe.

Aberta a Sessão, o sr. Presidente mandou ler o Relatório e Contas bem como o parecer do Conselho Fiscal. Feitos os Relatórios e Contas à discussão nenhum associado entrou no uso da palavra, pelo que se passou imediatamente à votação, tendo sido aprovados por unanimidade.

Entrando-se no número dois da Ordem de Dia pelo sr. Presidente foi posta a Assembleia ao corrente das causas que estão a dar motivo à crise que a Indústria de Tanoaria está a atravessar e que a generalizar-se a impellerá para a maior catástrofe.

Os Exportadores dos Vinhos do Porto, autorizados a importar sem direitos Alfandegários, contentores metálicos para a armazenagem dos vinhos e para o seu transporte, além dos navios-cisternas, vão pondo de parte o vasilhame de madeira (Indústria Nacional).

O vinho de consumo que mais afecta esta Região, começou também a ser transportado para as nossas Províncias Ultramarinas, em navios-cisternas.

Como só, nos concelhos de Ovar e Espinho, mais de quinze mil Almas vivem da Indústria de Tanoaria e suas subsidiárias, como sejam as serrações de madeira, a das ferragens, etc., de calcular é o alarme nesta Região, pela incerteza do dia de amanhã. Todo o comércio local está já a sentir os seus efeitos.

Aerece ainda, a circunstâncias bem

penosa, de se verificar a substituição dos produtos nacionais pelos estrangeiros sem qualquer vantagem para o comércio de vinhos, julgando mesmo com prejuízo de um produto Português tão apreciado em todo o Mundo. A vasilha de madeira tão útil na sua preparação e envelhecimento, não permite a sua alteração, e que não deve suceder com recipientes de outras matérias.

Parece fomentar-se que o transporte fica mais económico, como que, a tribuir ao preço do vasilhame de madeira a elevação do seu custo. Não nos parece que um barril de 100 litros aplicado na exportação do vinho comum entregue em casa do Exportador por 55/60\$00 agrave o preço do vinho de consumo ou uma pipa em madeira de carvalho que custa 1000\$00 e faz mais que uma viagem, com vinhos do Porto, em relação com o custo de uma pipa de aguardente, para o tratamento do vinho, que na colheita é vendida pela Junta Nacional de Vinho por 10 000\$00! ou sejam 20\$00 por litro. O barril-caraças e pinas o vinho em \$60 uma pipa 2\$00 mas faz várias viagens.

Além do pesado encargo da aguardente para tratamento do vinho temos ainda a considerar mais \$30 em litro para o Instituto do Vinho do Porto e \$20 para o Grémio respectivo.

Analisadas estas causas e ainda porque o Decreto n.º 42808 pelo Ministério da Economia impôs recentemente à Indústria de tanoaria a remodelação e ampliação das suas instalações fabris para poder trabalhar para a exportação, em que cada industrial que o seu atou imobilizou centenas de milhares de escudos, e porque generalizando-se a situação, acarretará para a indústria de tanoaria a sua filência total foi deliberado oficial a Sua Excelência o Ministro da Economia expondo-lhe as preocupações dos industriais, e, oportunamente reunir em Assembleia Geral Extraordinária do G.º dos Industriais de Tanoaria do Norte para melhor ser apreciada a exposição e solicitar do Governo as medidas que sejam de aconselhar.

Plano de Urbanização da Vila de Esmoriz

Arrastou-se desde 1945 o Plano de Urbanização desta Vila, que participou a Câmara Municipal deste Concelho, era em 1954 anulada a Participação pelo Ministério das Obras Públicas, por falta de interesse da Edilidade Concelhia. A Junta de Freguesia de Esmoriz, em fase disto, solicitou de Sua Ex.a o Ministro das Obras Públicas, a transição para a

sua responsabilidade da Participação anulada, o que foi deferido, e a 4 de Março de 1955 celebrava contrato com os arquitectos srs. António Maria Lobo da Vasconcelos Corte-Real e José Luís Alberto Martins de Meneses Pinto Machado para o estudo e elaboração do respectivo Ante-Plano de Urbanização da Freguesia de Esmoriz.

São passados dez anos e não foi ainda entregue o respectivo Ante-Plano. A 31 de Dezembro de 1963 e por sugestão da Direcção dos Serviços de Urbanização do Distrito foi anulado o Contrato pela Junta de Freguesia, para a pedido dos arquitectos em referência, por dizerem o Serviço bastante adequadado, ser suspensa a anulação feita pela Junta de Freguesia, passando para a responsabilidade da Câmara Municipal de Concelho, conforme parecer da mesma Direcção dos Serviços de Urbanização.

A falta do Plano de Urbanização, muito tem prejudicado o desenvolvimento urbano da Vila de Esmoriz e consequentemente o seu progresso, pelos entraves constantes, nas licenças para obras e respectivos alinhamentos. Flagrante, um acontecimento bem grave, que urge ser tratado. Um proprietário e capitalista, que desejava construir alguns prédios num terreno adquirido na Praia desta Vila, e um arruamento a macadame, viu o seu desejo frustrado, por lhe ter sido recusado. Este proprietário que não é de Esmoriz, viu-se forçado a aplicar os seus capitais noutra localidade. É espartoso.

Para o Senhor Ministro das Obras Públicas se pedam medidas tendentes a não serem mais prejudicadas, as aspirações e progresso desta Vila. — C.

Secção de Ginástica da A. A. de Espinho

Informam-se por este meio todos os interessados, que se encontra aberta a inscrição para o Curso de Ginástica Feminina no Ginásio deste Clube, sob a superior orientação dum Professor diplomado pelo INEF.

Ténis de Mesa

Este Clube vai efectuar um Torneio entre sócios e simpatizantes por equipas e individualmente, pelo que a inscrição se encontra aberta na Sede do Clube.

Empregada-Cabeleireira

De preferência com prática de permanentes e tintas

Se estiver empregada guarda-se sigilo

BOM ORDENADO

Resposta à Redacção ao n.º 35

Um caso insólito e displicente A iluminação da Estação da C. P. em Espinho

No passado domingo, 20 do corrente, foi larga a quantidade de automóveis que à nossa praia se deslocou para presenciar os estragos do mar junto da Piscina. Pelas 16 horas, entrou no café Costa Verde um casal muito novo e de boa aparência acompanhado dum menino que teria quando muito quatro anos. Enquanto esperavam pelo serviço, deram ao miúdo chocolate em pasta à mistura com algumas carícias. Até aqui tudo naturalíssimo. Passado algum tempo elhamos e vimos a criança com um cigarro na boca que o pai tinha acabado de acender, e ainda vigiava a maneira como o rebente tirava as fumagens o que fazia com certa habilidade, revelando bastante prática.

O pai não fumava. Não se julgue que o facto se menciona, só porque teria sido bridadeira do pai. O fumador de palmo e mele fumou o tempo suficiente para se poder avallar da sua prática, e a verdade é que não se atrapalhava.

O leitor fará o comentário a que o facto faz jus.

Segundo nos consta, o Ex.º Engenheiro-Chefe da Divisão de Exploração da C. P. ordenou à repartição competente, a substituição das lâmpadas eléctricas da Estação e respectivas gares, e das linhas da área de Espinho, por lâmpadas a mercúrio ou fluorescente.

Notamos, porém, que andam a substituir apenas as lâmpadas ao longo do centro da Vila, mas, na estação e suas gares, onde tal iluminação é mais precisa, não há ordem para instalar a luz fluorescente. É inacreditável — Para o caso, solicitamos a boa atenção do Ex.º Engenheiro-Chefe da Exploração, ou de quem competir, providenciar para que a medida ordenada seja aplicada também às estações de Espinho e respectivas gares.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Rua 15 n.º 323 — Telefone 920805

ESPINHO

Guarda Livros

Grupo A ou B. Inscrito na D. G. C. l. oferece-se para trabalho efectivo ou em regime livre. Organização, seguimento ou fecho de escritas. Mário G. Ramos — Telefone 920222

CONSERVAS DE PEIXE

Lopes da Cruz & C.ª, L.ª

MATOSINHOS

PORTUGAL

Marcas:

POKER

NEIVA

ANITA

ORCHIDEAS

VITAMAR

VEIGA

TITO

MARÃO

LUZAS

SEDE: Rua de Brito e Cunha, 541
Telefone 931031 / 32 — Telex 682
Apartado N.º 20
MATOSINHOS



Filiais em:
MATOSINHOS
SETUBAL
PORTIMÃO